

PRECISA DE AJUDA?

Nesta loja há muita roupa para as mulheres vestirem e também para os homens vestirem. É uma loja que só vende roupa.

Uma menina pálida vem direita a mim. Encara-me com toda a segurança. Brilha o prego por debaixo do lábio, arrepia-me o cabelo, curto, rijo, roxo, a cara é redonda, os olhos negros de tinta, por causa da tinta, lá no fundo da cara, encovados nessa região perdida abaixo da testa, perdidos numa assombração de sobranceiras, quase que não vê, ou julgo eu que não vê, mas olha! Que olhar! — Precisa de ajuda? — sibilina, ela assobia este som prestável, incómodo — porquê agora que estou a tentar olhar para si e a ver-me no fundo do túnel dos seus olhos, a ver-me no espelho sem reflexo do seu olhar, a desejar que da sua boca saiam pedregulhos incandescentes, agora é que a menina num tom de voz de algodão doce me pergunta — Precisa de ajuda?

E eu não sei se preciso de ajuda — quero ver aquela saia, julgo eu que é uma saia, não sei se tem tamanho para mim, que cor é que é realmente? Olhe, se faz favor, eu quero ficar exactamente como aquela do cartaz que está na montra — aliás julgo que você tentou, hoje de manhã, quando se

levantou da cama, muito magra e trôpega, a boca seca, sequíssima, sem humidades, sem palavras, quando se dirigiu para a casa de banho, ainda na escuridão do sono, julgo que você tentou, logo após o banho rápido, a escova nos dentes, o gel do cabelo, a tinta negra dos olhos, julgo que você tentou, ao escolher a saia minúscula que hoje traz vestida e essa camisola retalhada que tão bem lhe fica, julgo que tentou ficar o mais parecida possível com aquela do cartaz da montra que é a mesma com que eu quero ficar parecida. Como vê temos gostos iguais, você por dentro e eu por fora. Eu quero, na verdade, ficar igual àquela que está às cavalitas nas costas de um belo homem. A única coisa de que eu preciso neste momento são umas costas boas, amplas, fortes, que me aguentem. Aliás foi por causa do cartaz que eu entrei nesta loja e afinal, em vez de alguém muito, mesmo muito, aparece-me você que desliza em cima de algo escorregadio, que murmura pétalas de rosas. Saberá falar? Ou não sabe falar? Olho eu para todas estas roupas penduradas, arrumadas por matizes decrescentes, belas, e fico sem saber por que sim e por que não, ser-me-á difícil então ficar parecida com aquela do cartaz que está na montra? — penso eu indecisa, varrendo todos os cabides que estão na loja com um olhar fulminante — preciso, e aquela? Será saia? Serão calças? Daqui não vejo, pode ser...

— Precisa de ajuda?

Estupidamente apoio-me no balcãozito cinzento, eu numa ponta e a pérola na outra ponta. Observo-a. Vejo-a porque aproveito um momento em que ela não olha na minha direcção, que os seus olhos magros ouvem uma música distante que vem do alto, provavelmente dalguma saída de som no tecto e cantarola, o ser cantarola baixinho, sabe a letra toda de cor — *I need you, oh yes I need you, I feel it since yesterday* — Estou a descansar um pouco, há tanta coisa aqui na loja que me é difícil escolher — neste momento

falo só por falar porque ela não me perguntou nada e provavelmente também não me ouviu.

Os cabelos da rapariga esvoaçam, largos, abertos por esse mundo fora. Ao olhar-se para o espelho mais uma vez, vezes sem conta ela hoje já se olhou, cada vez que passa pelo espelho atrasa um pouco o passo e delambidamente olha-se, começando pelos pés e subindo, subindo aos poucos pelo espelho acima, turva a luz cinzenta dos seus olhos, chispa estrelas que cintilam e... zás! estilham o espelho, corredores de pó de névoa e cintilações inusitadas, miríades de cintilações coloridas, e ela, encantada, puxa um banquinho baixo, senta-se, solta-se, retira os ganchitos coloridos, um azul, outro vermelho, outro verde, deixa o cabelo nadar, alargar-se na água fresca, no sentimento do antiquíssimo mar, ajeita-se melhor no banco, olha-se, pousa o cotovelo em cima da sua perna e ampara o rosto com a palma da sua mão e assim fica, virginalmente, olhando-se nos olhos, a loja está cheia de gente, há movimento nas ruas, frio, calor, a música que canta sem saber de onde vem e ela ali sozinha, brilhante, ninguém a vê, chamam: Alguém na loja? Ninguém! Parece impossível, como é possível passar um dia inteiro sem se dar por isso?, as roupas penduradas nos cabides esperando por alguém que goste delas e eu cansada de esperar por alguém de carne e osso que me veja e me compreenda, que perceba que eu apenas quero ficar parecida com aquela da fotografia do cartaz, mas ninguém me atende — Precisa de ajuda? — olhou-me ela por cima da sua própria imagem desdobrada, efeito secundaríssimo, afinal não há menina nem há ninguém, apenas cabelos soltos, cabides, fotografias e cartazes gigantes apelando a qualquer coisa que eu não alcanço nem percebo.

— Talvez se a menina, que tem mais ou menos o meu corpo, que é que acha? Acha que esta camisola, esta cor me ficaria bem? Se? Acha?

— Não sei se temos o seu tamanho. Vou ver. Aguarde um pouco.

Ela abriu uma porta e desapareceu para uma outra divisão. Entrou mesmo. No fundo dessa divisão há um carro parado e dentro do carro um homem novo que espera por ela e eu, apoiada ainda no balcão cinzento, espero que ela venha e me diga alguma coisa. Sinto a falta dela no ar. Há cheiro dela no ar, há cheiro acre no ar. É ela.

O rapaz do carro ligou a ignição mal ela entrou. Abriu-lhe a porta e aceitou-a lá dentro. Abraçaram-se, beijaram-se, o cabelo solto enfeitou-lhe o rosto, os braços e as mãos amaciaram-na e ela disse: — vamos!

No fim do dia voltaram. Ainda eu estava encostada ao balcão cinzento esperando por ela, ainda havia pessoas na loja, ainda os cabides lá estavam pendurados, ordenados por tamanhos e por cores, a luz da rua tornou-se mais densa, pesada, escura, os candeeiros altos acenderam-se e iluminaram de forma elegante a grande fotografia com a rapariga às cavalitas do rapaz, e ela, pé ante pé, abriu a porta por donde tinha entrado e apareceu-me ali mesmo, à minha frente, em frente do espelho — Já foi atendida? Precisa de ajuda? Há as minhas colegas que...

Bom, vou dizer toda a verdade. Não vou continuar a contar esta história. Aqui temos a verdade repartida:

1 — Uma Verdade

Que lindo dia! A manhã está fresca e ainda rolam gotículas de humidade da noite ao longo dos caixilhos da janela. Abro-a: vejo a luz dourada do sol que nasce, reflectida

nos outros vidros de outras janelas, de outros prédios, noutras ruas diferentes da minha, é cedo, vou sair, vou sentir o cheiro do café tirado numa máquina e vou bebê-lo devagar, entretanto o tempo vai passando, nas ruas nascem pessoas apressadas, centenas, milhares de pessoas que de repente nasceram desta rua e dirigem-se não se sabe para onde, eu não sei para onde elas vão, elas sabem para onde vão, e tocam-se numa agitação de moscas, tocam-se e afastam-se, não se olham, apenas se tocam e não sentem, é mesmo assim e eu também, acabado o meu café, saio, toco em alguém, não olho, vou em frente, em frente, em frente, o dia vai crescendo, já é um grande dia, é meio-dia, passo para a grande avenida das lojas atravessando com cuidado várias ruas que se cruzam no meu caminho e é assim andando, sem pensar que passo por tantas lojas mas — Esta é a loja onde entro.

2 — Duas Verdades

A casa tem paredes de vidro e para além dessas paredes há pessoas de madeira diferentes das pessoas moscas que encontrei na rua do café. São rijas, são de madeira, têm sorrisos abertos, expressão serena, cabelos lisos, ondulados, de várias cores, os braços e as pernas são compridos, mais compridos do que é costume observar-se noutras pessoas e não têm sexo. Sei que não têm sexo porque estão nuas.

Pendurado por cima dessas pessoas há um enorme cartaz, uma fotografia a preto e branco numa rapariga muito nova às cavalitas de um rapaz. O rapaz segura-lhe as pernas e ela está a sorrir.

Eu quero entrar aqui nesta casa porque sei que vende roupa e eu sei também que quero comprar roupa para ficar igual à rapariga do cartaz.